



# XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **06/09/2019**

Aprovado em: **08/09/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.12.02>

ANOMIA SOCIAL E IDENTIDADE NACIONAL EM JOVENS SOCIAL ANOMY AND NATIONAL  
IDENTITY IN YOUTH ANOMIA SOCIAL E IDENTIDAD NACIONAL EN JUVENTUD

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E  
PSICOSSOCIAIS

EVERTON RIBEIRO DOS SANTOS

---

## Resumo

Estudar anomia social e identidade nacional em jovens, se faz necessário pelo interesse de saber como surge as anormalidades sociais e comportamento dos jovens no Brasil, em especial nesses tempos de crise. De um lado, a anomia que está associada a ausência de leis, normas ou desconfianças nelas e nas instituições. De outro, o sentimento de orgulho valorização da nação. É importante entender essa luta de forças e o que ela pode produzir. Foram 219 adolescentes e jovens, entre 10 a 18 anos, de escolas públicas das cidades de Aracaju, São Cristóvão e Lagarto – SE, ambos os sexos que responderam ao questionário. Os resultados encontrados poderão ser aplicados em programas psicológicos e sociais com o objetivo de inibir comportamentos de riscos e de redução do comportamento antissocial e delitiva. A amostra nos permitiu a análise do desenvolvimento da anomia social e seu impacto sobre a identidade nacional de jovens, com a qual ficou constatado que os participantes têm uma forte aceitação da sua identidade nacional, como também uma forte apropriação de nacionalidade e há uma certa anomia entre estes jovens.

**Palavras-chave:** Anomia. Identidade Nacional. Desenvolvimento Moral.

## ABSTRACT

Studying social anomie and national identity in young people is necessary for the interest of knowing how the social abnormalities and behavior of young people in Brazil arise, especially in these times of crisis. On the one hand, the anomie that is associated with the absence of laws, norms or distrust in them and in the institutions. On the other, the sense of pride appreciation of the nation. It is important to understand this power struggle and what it can produce. There were 219 adolescents and young people, aged 10 to 18 years, from public schools in the cities of Aracaju, São Cristóvão and Lagarto - SE, both genders who answered the questionnaire. The results can be applied in psychological and social programs aiming at inhibiting risk behaviors and reducing antisocial and criminal behavior. The sample allowed us to analyze the development of social anomie and its impact on the national identity of young people, with which it was found that participants have a strong acceptance of their national identity, as well as a strong appropriation of nationality and there is a certain anomie. among these young people.

**Keywords:** Anomie. National Identity. Moral Development.

## RESUMEN

Estudiar la anomia social y la identidad nacional en los jóvenes es necesario para saber cómo surgen las anormalidades sociales y el comportamiento de los jóvenes en Brasil, especialmente en estos tiempos de crisis. Por un lado, la anomia asociada a la ausencia de leyes, normas o desconfianza en ellas y en las instituciones. Por otro lado, el sentido de orgullo apreciación de la nación. Es importante comprender esta lucha de poder y lo que puede producir. Hubo 219 adolescentes y jóvenes, de 10 a 18 años, de escuelas públicas en las ciudades de Aracaju, São Cristóvão y Lagarto - SE, ambos sexos que respondieron el cuestionario. Los resultados pueden aplicarse en programas psicológicos y sociales destinados a inhibir comportamientos de riesgo y reducir el comportamiento antisocial y criminal. La muestra nos permitió analizar el desarrollo de la anomia social y su impacto en la identidad nacional de los jóvenes, con lo cual se descubrió que los participantes tienen una fuerte aceptación de su identidad nacional, así como una fuerte apropiación de la nacionalidad y

existe una cierta anomia. entre estos jóvenes

**Palabra Clave:** Anomia. Identidad Nacional. Desarrollo moral.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que apresentamos propõe algumas reflexões, sobre o que é anomia; o que é identidade nacional; e por fim, qual a relação entre anomia e a identidade nacional dos jovens? Esses são os três principais questionamentos que esta pesquisa está interessada em investigar. Os dois primeiros desses questionamentos procuraremos responder teoricamente com o que os pensadores dizem ser anomia e identidade nacional. O último questionamento responderemos através de um estudo empírico o qual analisará relação entre anomia e identidade nacional e o impacto que tem nos jovens de nossa sociedade.

Estudar anomia social e identidade nacional em jovens, se faz necessário pelo interesse de saber como surge as anormalidades sociais e comportamento dos jovens no Brasil. De um lado, a anomia que está associada a ausência de leis, normas ou desconfianças nelas e nas instituições. De outro, o sentimento de orgulho valorização da nação. É importante entender essa luta de forças e o que ela pode produzir. Procurando compreender os fenômenos presenciados na sociedade, aonde pode perceber uma desintegração dos valores sociais das normas sociais por uma parte da juventude brasileira, como também a mesma procura se identificar com o estrangeirismo, deixando assim de lado a sua cultura, costumes e tradições, sendo incitados a violar as normas para poder pertencer a um círculo de amigos.

O interesse por esse estudo surgiu mediante orientação da professora Dalila Xavier, responsável do grupo de estudos Socialização das Atitudes Intergrupais, do Departamento de Psicologia da UFS (DPS-UFS), a qual sugeriu como estudo de pesquisa a temática anomia social e identidade nacional em jovens. Partindo assim, esta pesquisa primeiro busca em diversos teóricos, definições sobre o que é anomia e sua relação com a identidade nacional, prosseguindo assim analisando a quebra de normas pelos jovens brasileiros.

## 2. ANOMIA: UMA DEFINIÇÃO

Barbosa (2013) afirma que a palavra anomia tem sua origem do grego, sendo derivada de anomos, significando ausência, inexistência, privação de; e nomos que representa lei, norma. Assim refletimos que o termo anomia significa sem normas. Adorno (1998) por sua vez, fala em anomia, como crise de autoridade, erosão da lei, recuperação das instituições, tudo lembrando o universo sociológico durkeimiano, forjado àquela época para dar conta dos elementos anômicos da divisão social do trabalho. Anomia para Adorno (1998) trata-se de uma condição social na qual as normas reguladoras do comportamento das pessoas perderam sua validade.

Foi o sociólogo Émile Durkheim nas suas obras “Da Divisão Social do Trabalho” (1893), “Suicídio” (1897) e “A Educação Moral” (1902), quem usou o termo anomia como ausência de normas sociais, oriundas da perda da capacidade que a sociedade tinha de regular o comportamento dos indivíduos e do enfraquecimento dos vínculos sociais.

Sendo assim, Durkheim (2001) compreende por anomia o estado da sociedade no qual desaparecem os padrões normativos, seja de conduta ou de crença, e o indivíduo em conflito íntimo, encontra dificuldade para conformar-se às contraditórias exigências das normas sociais. Formiga (2013), na mesma direção de Durkheim, analisa que a modernidade impõe condições que não se articulam com a funcionalidade e a estrutura social disponível para todos, levando os indivíduos a perceberem falhas nas normas e nas regras que deveriam regular a vida pessoal e social. Ou seja, em um estado anômico, a prática e a teoria não se relacionam e assim não se tem garantias de que as ações dos indivíduos estarão em acordo com as normas sociais, gerando assim a anomia social.

A anomia, para Merton (1970), tem um cunho psicológico, sendo portanto considerada no nível individual, pois segundo ele todas as sociedades desenvolvem metas culturais que expressam os valores que guiam a vida dos indivíduos em sociedade. Petrelli (2000), observando Durkheim e Merton, expressa a definição de anomia nesses autores supracitados, dizendo que *Merton buscou em Durkheim o conceito de anomia, o reelaborando em uma teoria dos fenômenos transgressivos e suas variações sociais, capaz de explicar múltiplas formas de comportamento, seja a dos arruaceiros de fim-de-semana aos egrégios criminosos de colarinho branco; dos bandidos aos engravatados palacianos peritos em danos contra o patrimônio público.*

Já Meireles (2001), corroborando com Barbosa (2013) e Velloso (2004), a concebe como carência de normas, de leis reguladoras, e acrescenta que a anomia se estabelece durante determinadas circunstâncias históricas dentro de um dado grupo social. Essas circunstâncias são criadas pelos indivíduos em sociedade, aos quais dão ao Estado poder de reger. Mas como diz Santo (2017), a partir do momento em que o Estado, detentor do direito de punir, deixa de cumprir a previsão legal, passa a negligenciar a penalização de um ato que possui danos a sociedade, torna esta norma sem valor e causa assim uma quebra de estrutura da ordem. Pois para determinados crimes, a lei simplesmente não tem efeito.

Formiga (2011), Formiga e Souza (2013) e Santos (2014) realizaram pesquisa acerca da temática anomia. Formiga (2011) pretendeu verificar a influência da moral pós-convencional sobre a anomia social e as condutas antissociais e delitivas em adolescentes. Para alcançar esse objetivo Formiga (2011), realizou três estudos empíricos, no primeiro estudo procurou verificar as evidências da validade fatorial e a consistência interna das medidas existentes no Brasil e das medidas construídas. Assim, participaram 375 adolescentes com idade de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, da rede pública e particular de ensino da cidade de João Pessoa-PB, responderam um questionário que continha questões sócio demográficas, Escala de Anomia Social, Escala de Atitude Anômica, Escala de Orientação ao Sucesso e Escala de Condutas Antissociais e Delitivas. Os resultados revelaram a consistência interna das Escalas de Anomia Social e das Condutas Antissociais e Delitivas; as demais escalas (atitude anômica e de orientação ao sucesso) apresentaram indicadores psicométricos de fatorialidade aceitáveis pela literatura, comprovando o que se esperava.

No segundo estudo, Formiga (2011) pretendeu-se verificar a adequabilidade da estrutural das escalas exploradas no primeiro estudo, foram 241 adolescentes, de 14 a 18 anos, com características sócio demográficas semelhantes a do estudo anterior responderam os mesmos instrumentos utilizados no primeiro estudo. Os resultados confirmaram tanto a estrutura esperada quanto a adequabilidade das escalas utilizadas. Por fim, no terceiro estudo procurou verificar o objetivo central da tese, a influência moralidade de princípios pós-convencionais sobre a anomia social e as condutas antissociais e delitivas, os instrumentos foram aplicados a 621 adolescentes, de 13 a 18 anos, ambos sexos, do ensino fundamental e médio da rede de ensino da região metropolitana de João Pessoa com características sociais e demográficas distintas das outras amostras. Os resultados corroboraram as hipóteses levantadas. O modelo proposto revelou que a moralidade de princípios pós-convencionais associou-se, negativamente, com a anomia social e com a conduta antissocial e delitiva, estas duas últimas variáveis, por sua vez, se associaram positivamente entre si.

Já Formiga e Souza (2013), tem o objetivo de verificar a associação positiva entre essas variáveis em jovens, sendo assim, eles realizaram seu estudo com 235 homens e mulheres com idade de 13 e 20 anos, da rede de educação pública e privada da cidade de João Pessoa-PB, responderam as escalas de anomia social, condutas antissociais e delitivas e questões sócio demográficas, a partir do programa AMOS GRAFICS 16.0, observaram-se indicadores psicométricos que comprovaram a associação, positiva, entre anomia social e as condutas desviantes.

Por fim, Santos (2014) teve como objetivo testar um modelo explicativo da anomia organizacional sobre o suporte à aprendizagem no trabalho e as estratégias de aprendizagem de trabalhadores de uma IFES do estado do Rio de Janeiro. Participaram desta pesquisa 312 servidores da UFRRJ. Para atingir

os objetivos do presente estudo, foram utilizados o programa SPSS 19 (Statistical Package for Social Sciences, versão 19) e o módulo AMOS. Os resultados evidenciaram a influência negativa da anomia organizacional sobre as duas variáveis estudadas: suporte a aprendizagem e estratégias de aprendizagem.

## **2.1. IDENTIDADE SOCIAL E NACIONAL**

No contexto brasileiro, Ravagnoli (2012) percebe que a ausência de regras formais, valores e objetivos comuns resulta numa instabilidade, e isto justamente é o que favorece a manifestação da anomia, condição que, aparece a partir de fatores como, por exemplo, o descrédito nacional resultante do enfraquecimento contínuo dos valores morais, tais como a impunidade e a diminuição da eficácia das normas éticas e sociais. Ela também descreve que a população brasileira tende a valorizar tudo que vem do exterior, essa valorização é uma herança de uma nação que foi colonizada. Segundo Menezes (2009), ao analisar a identidade nacional deve-se pensa-la primeiro como uma identidade, para depois poder compreender a questão nacional.

Sendo assim, identidade é o conjunto total das nossas características próprias que nos fazem únicos e exclusivos, diferentes de todos os outros seres humanos e todos os outros animais. Para Ciampa (1987) identidade é um conjunto de elementos (biológicos, psicológicos, sociais, etc.) que caracterizam o indivíduo, identificando-o, como também é de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há como uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. Sendo assim, identidade de pensar e ser, é metamorfose, ou seja, é um processo de constituição do eu que promove constantes mudanças pelas condições sociais e de vida que o indivíduo está inserido. Ortiz (2006) define identidade em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença, porém a identidade possui outra dimensão, que é interna. Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos e isso justamente será o que nos identifica como um ser dentro de uma nação.

No que diz respeito ao aspecto nacional do conceito identidade nacional, Lenin (1963) ensina que há duas tendências históricas, onde a primeira consiste no despertar para a vida nacional como também a dos movimentos nacionais, na luta contra toda opressão nacional, na criação de Estados nacionais. A segunda consiste no desenvolvimento e na multiplicação de toda espécie de relações entre as nações, na demolição das barreiras nacionais, na criação da unidade internacional do capital, da vida econômica em geral, da política, da ciência, etc.

Marques & Domingues (2014) definem identidade nacional como o sentimento de pertença a um país e também como o conjunto de características próprias de uma nação, nas quais seu povo se reconhece. O movimento de construção da identidade nacional para Silva & Carvalho (2016), passa pela criação de símbolos nacionais, algo que comprove/fortaleça a existência de um Estado.

Após a independência do Brasil, foi iniciado a construção de uma identidade nacional, processo que foi intensificado somente após 1930, no governo de Getúlio Vargas. Segundo Andrade (2010) nossa identidade fora construída em bases consideradas negativas, justamente pelos motivos que Ravagnoli percebeu sobre as características do povo brasileiro em dar mais valor aquilo que é de fora, do que as coisas que são de nossa nação.

Para Cristoffanini (1999) umas das formas de identidade coletiva é a identidade nacional, juntamente com a étnica e religiosa. Para Hall (2006), é justamente a identidade nacional que catalisa todas as demais modalidades de identidade, tais como aspectos religiosas, étnicos, raciais, linguísticos, nacionais e culturais. Andrade (2010) acrescenta ainda que a identidade nacional tem como base a língua, o passado, a raça, os hábitos ou o temperamento do povo, de modo que, cada país, grupo ou

classe imagina uma proposta de identidade que se transforma no tempo e no espaço.

Vilalva (2008), analisando as obras *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero (1888), *História da Literatura Brasileira* de José Veríssimo (1916), *A pequena história da literatura brasileira* de Ronald de Carvalho (1919); teve como conclusão que essas três obras literárias realizam a visão global e propõem a identidade como resultado de intersecções históricas, políticas, ideológicas e bem menos estéticas.

Ciampa (1984) entende que a identidade não é algo fixo e acabado, mas algo que está em constante processo de transformação, em metamorfose. Para Hall (2006) a identidade não está literalmente impressa em nossos genes, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Segundo Deschamps e Moliner (2009) as representações não resumem por si só o fenômeno identitário, mas que estas podem intervir no sentimento de identidade, e Guareschi (2000) acrescenta que na noção de representação estão presentes as dimensões cognitiva, afetiva e social. Tajfel (1982), esclarece que na teoria da identidade social, de caráter mais motivacional e cognitivo, a identidade social e a pessoal são conceituadas como negativamente interdependentes, já que existe uma oscilação entre uma e outra, para satisfazer a necessidade do indivíduo.

Doise (1990, 1992), se concentra nas inserções sociais dos indivíduos. Nesse modelo, acredita-se que as representações, ao mesmo tempo em que modulam as relações sociais, são construídas em função dessas relações. Deschamps e Moliner (2009) defendem que as representações sociais podem desempenhar o papel de marcador identitário, suscitando tomadas de posição diferentes acerca de um mesmo objeto ou de reguladores que podem organizar a percepção do espaço social em consonância com as aspirações identitárias dos indivíduos. Debrun (1990) procura mostrar que toda identidade humana implica não apenas uma certa permanência através do tempo, mas também um aspecto auto referencial; a identidade deve se enunciar, se reiterar, para ser.

## **2.2. NAÇÃO E IDENTIDADE NACIONAL**

O Brasil, como nação foi construído por possuir requisitos como território e idioma, herdado de seus colonizadores, mas identidade nacional é determinada pelos indivíduos que pertencem a nação. Pessoa (1968) fala do indivíduo como elemento social; do meio social como elemento de desenvolvimento, parece procurar compreender como é construído a sociedade, já que o indivíduo não vive sozinho. Para que o indivíduo possa ter uma vida social que lhe seja um elemento de desenvolvimento, ou, em outras palavras, para que a sociedade seja um ambiente favorável ao desenvolvimento do indivíduo, é forçoso que se faça assentar essa sociedade num conceito egoísta. Assim se formam naturalmente nações.

Pessoa (1968) diz que a nação é um segundo elemento social, porém é justamente isso que o constitui como primário, pois os homens não se agrupam fraternalmente senão por oposição. Sempre nos unimos para nos opormos. Isto é, aliás, um princípio lógico: definir é limitar. De acordo com Hall (2006), as culturas nacionais têm sido produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas, o que não tem gerado uma proliferação da história dos excluídos, mas sim o estabelecimento de conexões internacionais, e também que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional

De acordo com Gellner (1983), o ato de pertencimento a uma nação nem sempre foi tal como hoje, “um atributo inerente da humanidade”, como Hall (2006) nos ajuda a compreender que as diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de ‘teto político’ do estado-nação. Isso faz com que se tenha uma construção de novas formas de compreensão da identidade nacional, que Marques (2014), demanda o resgate da história e a tentativa dos brasileiros olharem para si mesmos através de seus próprios olhos, e não somente com

olhos estrangeiros.

Com isso Santinello (2011) entende que a Identidade do indivíduo é construída pela necessidade de sobrevivência, bem como as intrínsecas variabilidades das relações sociais, e sua delimitação do contexto espaço e tempo em que o sujeito está inserido. Identidade nacional é o conceito que sintetiza um conjunto de sentimentos, os quais fazem um indivíduo sentir-se parte integrante de uma sociedade ou nação. Santos (2012) conceitua identidade nacional, que ela não pode ser entendida a partir de uma única definição, pois sua construção está associada ao meio em que o indivíduo está inserido, podendo basear-se em fatores culturais, econômicos, étnicos, políticos e geográficos.

Ela é construída por meio de uma autodescrição da cultura patrimonial de uma sociedade, que se pode apresentar a partir de uma consciência de unidade identitária ou como forma de alteridade, buscando demonstrar a diferença com relação a outras culturas. Fernandes e Souza (2016) afirmam que no processo de afirmação identitária, a revalorização das culturas africanas constitui-se em pilar para a identidade negra, pois pode servir para desconstruir representações que alienam a pessoa negra de seu próprio corpo e suas raízes étnico-raciais.

A identidade nacional não é a única dentro do país. Existem outras formas de identidade cultural que rivalizam com ela e em alguns períodos da história foram até mais importantes. Elas dividem a nação em grupos menores, de acordo com região, etnia, religião, gênero, classe social, intelectualidade, ou qualquer outra característica que os indivíduos tenham em comum.

Para Ortiz (2006), a identidade brasileira é proveniente do nascimento da nação, representado pelo idioma, etnias, bem como através do solo, clima, vegetação e relevo. Há uma identidade nacional na atualidade, porém menos consistente que no passado, devido principalmente a falta de um projeto nacional, ocasionando uma autoestima baixa. Mas como diz Louro (2000) a identidade não pode ser considerada como decorrente das “evidências” corporais. Pois mesmo nas ideologias racista há nuances: o que é definido como negro ou branco no Brasil, não o é da mesma forma nos Estados Unidos ou na África do Sul. De um modo ou outro, no entanto, para as ideologias racistas o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar.

### **2.3. IDENTIDADE NACIONAL E ANOMIA: ASPECTOS EMPÍRICOS**

A identidade nacional é definida por Smith (1997) como a consciência do indivíduo de pertencer a uma comunidade política e de compartilhar com todos os membros dela as mesmas instituições, códigos de direitos e deveres, espaço social e limites territoriais. A identidade nacional varia entre indivíduos em grau de positividade e negatividade, quanto ao grau em que o indivíduo internaliza ou quer internalizar a cultura da nação, e ainda quando a nação a qual o indivíduo pertence. A identidade nacional deriva da relevância emocional e avaliativa atribuída ao verdadeiro desejo de afiliação nacional (Bank, 2003).

Assim, uma identidade nacional positiva produz uma série comportamentos do indivíduo em direção a nação tais como a legitimação dos representantes coletivos mediante a atribuição de direitos de ação, apoio individual direto e comportamentos manifesto, como a participação nas eleições entre outras atitudes relativas a nação (Bank, 2003). Por outro lado, Quenza (2009) afirma que as condições de exclusão, desigualdade, dependência e a derrogação produzem disfuncionalidades na identificação nacional e podem levar a anomia. Uma das características de uma sociedade em estado de anomia é um profundo pessimismo quanto ao seu futuro, os indivíduos passam a perceber que as regras sociais se tornaram ineficazes para regular o comportamento social.

No contexto educacional, Ravagnoli (2012), ressalta que a anomia é um resultado da falta de capacidade da estrutura social, que muitas das vezes não disponibilizam meios que levem os jovens a adquirir cultura de respeito as normas. A escola quando não atende às expectativas da sociedade,

coloca seus indivíduos num estado de indeterminação, num estado em que a discrepância entre fins e os meios instaura uma susceptibilidade de respostas individuais: um estado de anomia. Pela educação, segundo França, Andrade e Silva (2016) pode-se potencializar ou inculcar valores importantes para a sociedade, pois na escola temos os agentes de socialização. Tendo como os principais transmissores de valores sociais os membros da família que tendem a escolher suas estratégias educativas segundo sua própria concepção de mundo a fim de influenciarem formas de pensamento e ação. Em A Educação Moral (1963), Durkheim defende a tese de que somente a submissão à regra exterior, impessoal e abstrata é capaz de conter as “forças rebeldes” que habitam o indivíduo, contendo portando os apetites imoderados e o individualismo exacerbado.

Em termos de políticas públicas, Adorno (1998) propõe intervenções nas seguintes direções, primeiro partindo do ato de punir crimes atualmente não punidos; segundo um aumento de oportunidades para os jovens, com uma exigência rigorosa e respeito à autoridade; por fim destaca um apoio às instituições de lei e de ordem, mediante estreitamento dos laços entre polícia e comunidades locais, o que, em última instância, significa conferir uma abordagem institucional ao problema da lei e da ordem.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo Geral**

Analisar a anomia social e seu impacto sobre a identidade nacional de jovens.

#### **3.2. Objetivo Especifico**

- Analisar as variações desenvolvimentais na identidade nacional em jovens;
- Investigar a percepção da anomia dos adolescentes e jovens e seus aspectos desenvolvimentais;
- Analisar as relações entre anomia e a identidade nacional em jovens.

### **4. METODOLOGIA**

Para atender os objetivos e a discussão proposta nesta pesquisa, o estudo planejado foi realizado em âmbito de revisão bibliográfica, para obtermos uma conceituação sobre anomia e identidade nacional; aplicação de questionário em escolas públicas e de análise de coleta de dados.

#### **4.1 Participantes**

A amostra da pesquisa consistiu de 219 adolescentes e jovens, com idade entre 10 a 18 anos com (M = 21.9, DP = 9.9 anos). A idade foi dividida em intervalos de 10 a 12 anos (25,1%; 57); 13 a 15 anos (30,7%; 67); 16 a 18 anos (43,1%; 94). A cor da pele foi autodeclarada, 17,8% (39) se disseram brancos; 52,5% (115) se declararam pardos; 16,9% (37) se declararam pretos e 12,8% (28) não responderam. Os participantes procedem de escolas públicas da cidade de Aracaju, São Cristóvão e Lagarto – SE, de ambos os sexos (masculino: 107- 48,87%; feminino: 107- 48,87%; 4 não declararam sexo), sendo que 147 (67,12%) estão cursando o ensino fundamental maior e 72 (32,88%) são do ensino médio.

#### **4.2 Instrumentos**

Para verificar a identidade nacional em jovens utilizou-se uma a escala de identidade nacional de Lima, Tecchio e Torres (2016). Esta consiste de uma escala com três questões variando de 1(nada) a 4 (muito) sobre se os participantes se sentem, se gostam e se tem orgulho de serem brasileiros. Compõem essa medida uma pergunta aberta: Para você ser brasileiro@ é ...? Esta questão não foi analisada nessa pesquisa.

Para aferir a anomia foi utilizado a Escala de percepção de Anomia de Teymoori & cols (2016). Esta escala é composta de 21 afirmações sobre a realidade social política, direitos, individualismo, cooperação, etc., que são respondidos com base numa escala *Likert* de sete pontos, quanto maior o valor maior a anomia. Assim o valor (1) corresponde a discordo totalmente, passando pelo (4) nem concordo nem discordo até o valor (7) concordo totalmente. Os itens das escalas de identidade social (questões de 1 a 4) e anomia (questão 7) podem ser vistos no Anexo I.

### **4.3 Procedimentos**

Foram 4 escolas contatadas a fim de fornecerem autorização para a realização da pesquisa, duas negaram alegando que estavam com o calendário apertado, enquanto outras duas abriram as portas, sendo que o pesquisador fosse nos horários em que haveria três aulas seguidas. Dependendo das idades, o coordenado pedagógico da instituição ia conduzindo os alunos para a biblioteca, onde responderiam ao questionário e seguiriam as instruções que o pesquisador ia repassando. Os alunos que estão cursando o ensino fundamental maior, são provenientes do Colégio Municipal Frei Cristóvão de Santo Hilário e os do ensino médio estudam no Colégio Estadual Professor Abelardo Romero Dantas. A coleta em Aracaju e São Cristóvão foi realizada no Colégio de Aplicação da UFS, nas turmas do ensino fundamental maior e médio para os alunos que aceitaram participar do estudo.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Na análise dos dados, foi utilizado o programa estatístico SPSS, versão 16 (Windows), um pacote estatístico que se tornou o principal software em uso entre psicólogos sociais, afim de obter dados estáticos. Inicialmente, apresentou-se o resultado geral de identidade nacional, depois sobre anomia e, por fim, a relação entre identidade nacional e anomia, através da estatística descritiva contendo a média, o desvio padrão, os valores mínimo e máximo.

### **5.1 Análise da identidade nacional**

Para analisar a identidade nacional perguntou-se aos participantes: Você se sente Brasileiro@? Em caso afirmativo, você gosta de ser Brasileiro@? e Você sente orgulho de ser Brasileiro@? A escala para responder às três questões variou de 1 (nada) a 4 (muito).

Através de uma análise de frequência simples, verificou-se em relação a pergunta: Você se sente Brasileiro@? Que 63,4% (137) da amostra sente-se muito brasileira; 30,1% (65) responderam que sentem-se mais ou menos brasileira e 6% (13) respondeu que sente-se pouco ou nada brasileira. Já a pergunta “Você gosta de ser Brasileiro@?” foi respondido por 42% (91) da amostra que gosta muito, enquanto 40,7% (88) disseram que gostam mais ou menos de ser brasileira, e os que responderam pouco e nada foram 12% (26) e 5,1% (11) respectivamente. Com relação a pergunta “Você sente orgulho de ser Brasileiro@?” os participantes em sua maioria responderam mais ou menos (45%- 97); 35,5% responderam muito e os que responderam pouco e nada foram 12,6% (27) e 6,5% (14) respectivamente. Os resultados demonstram que embora um número grande de participantes afirmem sentir-se muito ou mais ou menos brasileiro; os que gostam e sentem orgulho de sua nacionalidade vai reduzindo os percentuais. Esses resultados parecem corroborar as afirmações de Smith (1997) em

relação a variação da identidade nacional em grau de positividade e negatividade entre os indivíduos, refletindo o grau de internalização a nação e a cultura da nação a qual o indivíduo pertence. Já a dúvida sobre o orgulho com a nação representada pelas respostas concentradas em “mais ou menos”, podem estar relacionadas a percepção de que o país poderia ser melhor, por exemplo, ter um projeto nacional mais forte e consolidado para fortalecer a autoestima como afirma Ortiz (2006).

Após essa análise geral da identidade realizou-se a construção de um indicador de identidade nacional, através do somatório e média das perguntas sente, gosta e tem orgulho de ser brasileiro. Em seguida realizamos uma análise de média simples, obteve-se o valor  $M= 3.283$  ( $dp= 0.644$ ) que indica que os participantes sentem, gostam e tem orgulho de serem brasileiros mais ou menos ou muito. Esses resultados parecem se opor a afirmação de Ortiz (2006) de que a identidade nacional na atualidade é menos consistente que no passado, em nossa amostra de jovens, estes demonstraram uma identidade nacional fortalecida.

Em seguida, realizou-se uma Análise de Variância Univariada tomando-se o indicador de identidade nacional como variável dependente e o gênero, idade, cor da pele e escolaridade como variáveis independentes. Os resultados demonstraram que apenas a cor da pele afeta tendencialmente a identidade nacional dos jovens  $F(2,187) = 2.615$ ;  $p=.076$ . Um teste post hoc (*Scheffe*,  $p= .089$ ) indicou que os negros ( $M= 3.50$ ;  $dp= .636$ ) sentem, gostam e têm mais ou menos ou muito orgulho de serem brasileiros do que os brancos têm ( $M= 3.18$ ;  $dp= .542$ ). Entretanto, os pardos ( $M= 3.28$ ;  $dp=.652$ ) não se diferenciam nem dos brancos nem dos negros ( $p= n.s.$ ). Não houveram efeitos de interação entre as variáveis. A identidade nacional é, segundo alguns autores, vinculada a identidade étnica (Andrade, 2010; Cristoffanini, 1999; Fernandes & Souza, 2016; Hall, 2006). O efeito da cor da pele apresentado nesse estudo pode ser explicado por essa vinculação. Como grupo os negros são pressionados a se diferenciar e, sobretudo, a afirmar sua identidade e esta é complementada por outras identidades. Conforme afirma Fernandes e Souza (2016) a revalorização das culturas africanas constitui-se em pilar para a identidade negra. Sendo a identidade nacional baseada na língua, no passado histórico e na raça, esta contribui para a identidade racial (Andrade, 2010).

## 5.2 Análise da anomia

Para analisar a anomia inicialmente procedeu-se a inversão dos itens negativos da escala. Em seguida realizou-se uma Análise de Confiabilidade a fim de verificar a consistência interna dos itens, a análise resultou em um Alfa de *Cronbach* de  $.729$  que indicou alta confiabilidade interna da escala. A partir dessa constatação compôs-se um indicador de anomia através do somatório e média dos itens da escala (soma de todos as respostas dividido pelo número de itens). Após a construção do indicador de anomia procedeu-se a uma análise de médias simples a fim de conhecer a média de anomia do grupo de jovens. Esta análise indicou uma média de anomia de  $4.896$  ( $dp= .770$ ). Um teste t contra o ponto 5 da escala indicou que a média de anomia é significativamente igual a 5 ou seja pode-se afirmar que o grupo concorda um pouco com as afirmações  $t(207)= -1.936$ ;  $p= .054$ . Na escala de anomia quanto maior o valor maior a anomia. Assim, esse resultado demonstra que de maneira geral os jovens se concordam um pouco, ou seja, apresentam anomia. Esses resultados corroboram as afirmações de Ravagnoli (2012), por exemplo a presente amostra concorda um pouco com afirmações como: “A maioria das pessoas pensam que se algo funciona, não importa realmente se está certo ou errado”, demonstrando que os participantes desconfiam das normas para regular a sociedade. Ao que parece os jovens apresentam certo descrédito na nação, e percebe enfraquecimento dos valores morais.

Realizou-se ainda uma Análise Univariada tomando-se a anomia como variável dependente e o gênero, a cor da pele, a idade e a escolaridade como variáveis independentes. Observou-se que a anomia foi afetada pelo gênero, escolaridade e faixa etária dos participantes. Com relação ao gênero, os participantes do sexo feminino ( $M= 5.025$ ;  $dp= .772$ ) apresentaram mais anomia do que os do sexo masculino ( $M= 4.763$ ;  $dp= .749$ )  $F(1, 205)= 6.072$ ;  $p= .015$ . Os jovens que participam do ensino

médio ( $M= 5.105$ ;  $dp= .758$ ) apresentaram mais anomia do que os do ensino fundamental maior ( $M=4.795$ ;  $dp= .754$ )  $F(1, 205)=7.626$ ;  $p= .006$ . Quanto a idade, observou-se que os jovens de 13 a 15 anos ( $M= 5.015$ ;  $dp= .703$ ) apresentaram mais anomia do que os de 10 a 12 anos ( $M= 4.664$ ;  $dp= .763$ ) (*Scheffe*;  $p= .053$ ). Já os de 16 a 18 anos ( $M= 4.93$ ;  $dp= .796$ ) não se diferenciam em seus níveis de anomia dos de 10 a 12 e de 13 a 15 anos  $F(2, 206)= 3.287$ ;  $p= .039$ . Para um maior esclarecimento da análise da idade, sobretudo, a relativa a não diferença entre as médias nos níveis de idade 10 a 12 anos e 16 a 18, realizamos um teste t contra 5 (concordo um pouco), entretanto, dividindo o banco de dados segundo a idade. Observou-se que nas idade de 10 a 12 anos a média é significativamente menor do que 5  $t(51)= -3.164$ ;  $p= .003$ ; já nas idades de 13 a 15 e de 16 a 18 anos não houve diferenças entre as médias nessas duas idades ( $p= n.s.$ ) e o ponto 5 da escala. Indicando um grau semelhante de anomia entre esses dois grupos de idades e mais elevado do que nas idades de 13 a 15 anos.

Esses resultados podem contribuir para a melhor compreensão do resultado geral envolvendo o desenvolvimento na compreensão da anomia, na medida que nas idades mais avançadas entre os 13 e os 18 anos, os jovens já adquiriram maturidade cognitiva para entender certas nuances da política na sociedade. Visto que na escola, grande parte já iniciou o ensino médio, e se depararam com conhecimentos sobre o funcionamento da sociedade e das instituições, alguns já se preocupam com mercado de trabalho.

### **5.3 Análise da identidade nacional e anomia**

Para analisar a influência da anomia na identidade nacional. Inicialmente transformamos o indicador de anomia numa variável dicotômica, através do corte da variável em seu ponto médio (4). Assim, os participantes que pontuaram abaixo do ponto médio foram considerados com baixa anomia (1 a 4). Aqueles que pontuaram acima do ponto médio (4.1 a 7) foram considerados com alta anomia. Em seguida realizamos uma Análise Univariada tomando-se a identidade nacional como variável dependente e a anomia como variável independente. Os resultados indicaram que a anomia não afeta a identidade nacional ( $p= n.s.$ ). Realizamos ainda uma Análise de correlação de Pearson entre essas variáveis e observamos que as variáveis não são correlacionadas. Nossos resultados foram diferentes dos de autores que afirmam que a anomia afeta a identidade nacional como Quenza (2009) e Bank (2003). Como por exemplo, que a identidade nacional positiva produz comportamentos focalizados na nação, envolvimento político, etc. Por outro lado, a identidade nacional disfuncional pode levar a anomia. Acreditamos que este resultado se deve a particularidades da identidade brasileira e que pode ser melhor investigada em estudos futuros.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo pretendeu analisar a anomia social e seu impacto sobre a identidade nacional de jovens. Frente as teorias expostas no corpo teórico da pesquisa, onde definem anomia como ausência de lei (Barbosa, 2013; Adorno 1998; Durkheim 1893, 1897 e 1902), falhas nas normas (Durkheim, 2001; Formiga, 2013) e que se estabelece dentro de um grupo social (Meireles, 2001; Barbosa, 2013; Velloso, 2004; Santo, 2017). Outros conceituam identidade nacional como conjunto de elementos que caracterizam o indivíduo (Menezes, 2009; Ciampa, 1987); algo exterior, como o sentimento de pertença a um país Ortiz (2006 Marques & Domingues, 2014), e como tendência histórica Lenin, 1963; Silva & Carvalho, 2016; Andrade, 2010). Diante das análises feitas obtivemos resultados que nos indicam que o desenvolvimento moral e da consciência das normas é possível perante uma sociedade coesa e com instituições que tenham altos níveis de confiabilidade, estas análises corroboraram com referencial teórico lido, menos com Ortiz (2006), pois os resultados que obtivemos demonstrou que os jovens são consistentes em relação a identidade nacional permanecendo como expressão de uma realidade sobretudo cultural e de pertencimento a sua nação.

Em relação a investigar da percepção da anomia dos adolescentes e jovens e seus aspectos desenvolvimentais, percebemos que ela é afetada pelo gênero, escolaridade e faixa etária dos participantes, onde da amostra os participantes do sexo feminino são mais anômicos que o masculino, os provenientes do ensino médio têm maior anomia que os do fundamental maior, e aqueles que estão na faixa etária dos 13 aos 18 anos apresentaram mais sentimentos de anomia do que os de 10 a 12 anos. Os resultados que foram obtidos, demonstram que há anomia entre jovens, mas estes devem ser interpretados com cautela e acompanhados por outras variáveis, como a situação família, o perigo do bairro onde está localizado, o desemprego entre outros fatores (Formiga & Gouveia, 2003). Sendo assim, indica-se o desenvolvimento de estudos utilizando amostras mais amplas, para assim, compreender como a anomia influencia os adolescentes e jovens.

Por fim, mesmo que aja um nível anômico entre os pesquisados, este fato não o sentimento de identificação nacional dos adolescente e jovens, diferente do que Quenza (2009) e Bank (2003) que afirmaram uma afetação da anomia na identidade nacional. Por outro lado, a identidade nacional disfuncional pode levar a anomia. Acreditamos que este resultado se deve a particularidades da identidade brasileira, uma vez que em cada adolescente e jovem tem um cenário próprio, e os indivíduos fazem julgamentos sobre os regulamentos imposta pela sociedade, é por isso que deve ser estudar em maior profundidade o fenômeno da anomia, o que ajudará a ter mais do processo de integração social dos jovens estudantes do ensino fundamental maior e médio, e seus possíveis obstáculos.

Os resultados aqui encontrados poderão ser aplicados em programas psicológicos e sociais com o objetivo de inibir comportamentos de riscos e de redução do comportamento antissocial e delitiva. A amostra nos permitiu a análise do desenvolvimento da anomia social e seu impacto sobre a identidade nacional de jovens, com a qual ficou constatado que os participantes têm uma forte aceitação da sua identidade nacional, como também uma forte apropriação de nacionalidade e há uma certa anomia entre estes jovens.

Em pesquisas futuras vamos ampliar a amostra a fim de englobar mais participantes do Estado. Nossa intenção é realizar estudos longitudinais comparativos das representações da identidade nacional e anomia. Essa estratégia pode nos permitir captar os estágios evolutivos da representação, focando suas emergências, estabilidade e transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, S. (1998). Conflitualidade e violência: reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 10(1): 19-47, maio de 1998.
- Andrade, I. (2010). Algumas reflexões sobre o conceito de identidade nacional. In: *Encontro Regional da Anpuh Rio: Memória e Patrimônio*, 14., Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Unirio, 2010.
- Ciampa, A. C. Identidade. (1984). In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense.
- Debrun, M. (1990). A identidade nacional brasileira. *Estud. av.*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 39-49, Apr.
- Deschamps, J. C.; Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes.
- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. Em R. Ghiglione, C. Bonnet & J. F. Richard (Orgs.), *Traité de psychologie cognitive 3: Cognition, représentation, communication* (pp. 111-174). Paris: Dunod.
- Doise, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de Psychology*, 45, 198-195.
- Durkheim, Émile. (2001). *As regras do método sociológico*. São Paulo. Martin Claret.
- Fernandes, V. B. & Souza, M. C. C. C. (2016). Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Revista do instituto de Estudos Brasileiros*. n. 63 abr. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>.
- Formiga, N. S. & Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psico*, 34 (2), 367- 388.
- Formiga, N. S. (2013). Escala de sentimento anômico: Verificação de sua estrutura fatorial em brasileiros. *Revista de psicologia da Gepu*, n.2, v.2, pp.80-97.
- Formiga, N. S. (2011). *Moralidade, anomia social e condutas antissociais e delitivas em jovens de diferentes contextos sócio-educacionais: verificação de um modelo teórico*. João Pessoa-PB.
- Foucault, M. (1977). *Discipline e punir. História da violência nas prisões*. Petrópolis, Vozes.
- Formiga, N. S., Andrade I. K. S. & SILVA K.C. (2016). Valores e Discriminação Racial em Crianças. *Veredas Favip* ano 12 | volume 9 | número 2.

Guareschi, P. (2000). Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos. Em: *Temas em Psicologia da SBP*, 3, 249-256.

Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte /Brasília, Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora.

Lima, M. E. O. & Vala, J. (2004). Novas formas do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 401-411.

Lima, M. E. O., Silva, P., Carvalho, N. C., & Farias, L. C. M. Identidade nacional e confiança nas instituições. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 205-222, 2017. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2017.33557

Louro, G. L. (org.). (2000). *O corpo e o desejo. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 155.

Marques, C. B. C.; Domingues, E. (2014). A identidade nacional brasileira em teses e dissertações: uma revisão bibliográfica. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 14, n. 31, p. 465-480, dez. 2014. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300004&lng=pt&nrm=iso). acessos em 15 dez. 2017)

Meireles, M. M. (2001). *Anomia: a patologia social na virada do milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Merton, R. K. (1970). Estrutura social e anomia. In: *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

Munanga, K. (2004). A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estudos Avançados*, S&

Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 50, p. 51-56.

Munanga, K. (2009). Um branco pode ser negro. Não é uma questão biológica, mas política. In *Desconfiando: Porque o mundo é maior do que imaginamos*. >

Ortiz, Renato. (2006). *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense.

Paré, M. L. (2000). *Auto-imagem e auto-estima na criança negra: um olhar sobre o seu desempenho escolar*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Pessoa, F. (1968). *Textos Filosóficos*. Vol. I. (Estabelecido e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968 (imp. 1993). - 198.

Petrelli, R. (2000). *Transgressão: Sêries seminários*. Monini, Italiano (Org.). Goiânia: UCG.

Ravagnoli, N. C. S. R. (2012). *A manifestação da anomia nas representações de professores e alunos de inglês da escola pública: um estudo de exceção de (d)Direito*. 233f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Santinello, J. (2011). A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. *Rev. Estud. Comun.*, Curitiba, v. 12, n. 28, p. 153-159, maio/ago. 2011.

Santo, F. R. (2017). *A Audiência de Custódia e os Impactos na Segurança Pública no Brasil*. Disponível em:  
Acesso em: 20 janeiro 2018.

Santos, L. A. (2014). Impacto da anomia organizacional sobre a aprendizagem organizacional: uma análise a partir do suporte à aprendizagem e das estratégias de aprendizagem. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brasil.

Schucman, L. V. (2012). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Silvia, K. B. M. M. S. (2012). O que é ser negro no Brasil? – Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.2, n.1.

Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.

Vilalva, W. M. (2008). Identidade e nacionalismo: caminhos da historiografia literária brasileira. In: \_\_\_\_\_. *Revista Alere – Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino*, Universidade 77 do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Tangará da Serra – v.01. n.01, 2008 – Tangará da Serra: Editora da Unemat.